

## **Análise Narrativa da Reportagem:<sup>1</sup> “O menino que fez a mãe flutuar”**

Kiára Mary Fialho MEDEIROS<sup>2</sup>  
Maria Ferreira DINIZ<sup>3</sup>  
José David Campos FERNANDES<sup>4</sup>  
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### **RESUMO**

O presente artigo apresenta e analisa a reportagem “**O Menino que Fez a Mãe Flutuar**”, da jornalista pernambucana Fabiana Moraes, especialmente no que se refere às características da narrativa humanizada, evidentes através de seu estilo inspirado no *New Journalism* e Jornalismo Literário. O trabalho foi apresentado ao público através do Jornal do Commercio/JC Online <http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/ahistoriademim/jose> em 2014, parte da série especial “A História de Mim”, e é um relato da trajetória de vida do menino José Pires, garoto pobre que consegue inverter a situação da falta de chance, alcançando um desfecho de vitória e conquistas, um retrato particular de pessoas comuns.

**PALAVRAS-CHAVE:** Reportagem; Narrativa; *New Journalism*; Jornalismo Literário.

### **Introdução**

O presente artigo tem como objetivo analisar as características narrativas no texto “O Menino que Fez a Mãe Flutuar” da série especial *web* (JC Online) “A História de Mim”<sup>5</sup>, publicada no <http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/ahistoriademim/jose> do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação e que faz parte de uma sequência de reportagens da jornalista Fabiana Moraes, repórter especial do Jornal do Commercio (JC). Fabiana é Mestre em Comunicação e Doutora em Sociologia – ambos pela Universidade

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Mestranda em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. [kiarafialho@live.com](mailto:kiarafialho@live.com)

<sup>3</sup> Mestranda em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Auxiliar de Informações na Agência Brasileira de Inteligência – ABIN. [lillaferreira@hotmail.com](mailto:lillaferreira@hotmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo ((PPJ) Universidade Federal da Paraíba – UFPB. [alltype17@hotmail.com](mailto:alltype17@hotmail.com)

<sup>5</sup> Publicada em 27 de julho de 2014, no site do JC.

Federal de Pernambuco e especializou-se em reportagens de profundidade, no perfil do modelo do jornalismo investigativo.

“A História de Mim” foi construída a partir de imagens, fotografias e lembranças, tendo início com a observação da própria Fabiana em seu álbum de família<sup>6</sup>, concepção que imprime o tom pessoal e confessional deste projeto, que na continuidade recebeu cartas e *e-mails*, quase uma centena, enviados à redação do JC durante três semanas<sup>7</sup>. Com o pai fotógrafo, a jornalista se inspira para construir uma narrativa a partir de seus registros, uma memória afetiva e cotidiana. “São relatos enviados, conteúdos de histórias de vidas, trajetórias repletas de dor, mas sobretudo de renascimento inspiradores” (MORAES, 2014) como relata a autora no editorial que faz uma síntese do que é a série, acrescentando também tratar-se da “arqueologia particular de pessoas que não são comuns – porque, no final, ninguém é” (MORAES, 2014). Considerando que a pauta surgiu a partir da observação de fotografias, ainda no editorial a jornalista faz referência ao fotógrafo e pesquisador Boris Kossoy, também inspiração para o termo ‘imagem-relicário’, usado no título do texto, aquelas que preservam cristalizadas nossas memórias<sup>8</sup>.



**Figura 1: Identificação do personagem principal da reportagem, José Pires**  
**Foto: Igo Bione/JC Imagem**

“O Menino que Fez a Mãe Flutuar” tem como foco uma personagem de nome José Pires de Souza Filho, protagonista da história narrada por Fabiana Moraes e que traz em seu texto características da reportagem perfil. Nele, a jornalista conta a história de vida desse

<sup>6</sup> Fabiana publica antes suas fotos de família nas redes sociais, em suas contas pessoais do Instagram e Facebook, como uma espécie de termômetro para o trabalho que pretendia realizar. Uma proposta tipo *work in progress*, ou ‘obra aberta’, conceitualmente ‘algo que está em execução, que começou a ser desenhado em dezembro de 2013.

<sup>7</sup> O JC quer ouvir a sua história, é o título da matéria que convida o leitor a participar: “...podem enviar suas histórias escritas ou em um vídeo de até dois minutos, para o e-mail...”.

<sup>8</sup> Uma exposição com as fotos utilizadas por Fabiana foi realizada no Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (Mamam), Recife (PE), com abertura em 4 de setembro de 2014.

personagem, de tipo popular, nascido na cidade de Carpina, na Zona da Mata Norte de Pernambuco. Aos 9 anos, o menino pobre e desvalido, assim como tantos outros que fazem parte deste cenário, vivencia dores e conflitos. A extrema pobreza caracteriza a população local. Filho de pais analfabetos, de pouco salário, moradia insalubre, espelha uma vida com dificuldade, onde até a subsistência era luxo.

Fabiana consegue, através de uma narrativa humanizada, transportar o leitor para dentro deste universo miserável. A cada parágrafo é descoberto, para surpresa do leitor, uma personagem que deixa de ser apenas mais um menino pobre do interior, como tantos outros, para ser um menino que consegue, através de singular introspecção, uma criança que cria mundos imaginários. Isso, ajuda-a a lidar com a cruel realidade que às vezes a vida lhes proporciona de herança.

No seu mundo é possível criar uma fazendinha construída por abacates e palitos, não só amenizar a saudade das muitas esperas da mãe – ausente por passar grande parte do seu tempo no trabalho, como doméstica, para completar o orçamento da casa, somada à miserável aposentadoria do seu pai, ex-contínuo da prefeitura do Recife. Na sequência, este menino frágil pelas circunstâncias, inverte a situação da falta de chance, levando a um desfecho de vitória sequenciado por uma linda trajetória de vida. Caracteriza-se a figura do protagonista herói, na narrativa do texto em análise.

### ***O New Journalism e o Jornalismo Literário***

Uma das mais antigas teorias do jornalismo, a Teoria do Espelho, tem como preceito que o jornalista consegue transmitir a notícia tal qual a realidade, como um espelho que reflete uma imagem. Nessa perspectiva, a objetividade e a imparcialidade são atributos fundamentais para compreensão do saber jornalístico, e consequentemente, intrínsecos ao conceito de notícia.

Mas como lembra Pena (2005), é preciso tomar cuidado com os reflexos da realidade, pois o que se vê pode não passar de uma ilusão de ótica, e surge o perigo de se produzir distorções de imagem e realidade. Há anos que esta objetividade é, para o jornalismo, conflito e uma grande interrogação.

Será que o jornalismo é realmente capaz de construir suas notícias, reportagens, histórias, perfis, documentários, fiéis a estes atributos? E estes atributos correspondem a

tão desejada realidade? Respondendo a clássica pergunta de “por que as notícias são como são? ”, Traquina (2012) também nos diz que embora toda profissão seja sobrecarregada de imagens, talvez outra não seja tão rodeada de mitos como a do jornalismo.

A primeira ‘teoria’ oferecida para explicar porque as notícias são como são é a teoria oferecida pela própria ideologia profissional dos jornalistas (pelo menos nos países ocidentais). É a teoria mais antiga e responde que as notícias são como são porque a realidade assim as determina. (TRAQUINA, 2012, p. 36)

A técnica da pirâmide invertida, que tem o *lead* como primeiro parágrafo da matéria, podendo nele ser encontrado as cinco perguntas base do jornalismo - *o que, quem, quando, onde, como e por que* – reflete o modelo do jornalismo convencional, onde o jornalista organiza a notícia colocando a informação mais importante no início, e a menos importante ao final, para que o leitor apenas possa efetuar a leitura seguindo um roteiro definido pelo jornalista. Algo que pode limitar não só a criatividade de quem constrói o texto, mas retirar a autonomia e liberdade, assim como também de quem lê.

O *New Journalism*, surgido em meados da década de 60, e que teve como principais referências os escritores americanos Tom Wolfe, Truman Capote e Gay Talese, vem desconstruir este conceito fechado de criação. Esse novo jornalismo, por unir o texto jornalístico ao literário, trouxe para dentro da narrativa jornalística características do texto literário, com a preocupação de descrever detalhes do fato, da personagem central ou das personagens. Como também o detalhamento de lugar, se o relato em questão se referir a uma rua, uma cidade, um país ou uma casa, por exemplo.

Tendo como um dos seus principais aliados desta descrição minuciosa, o recurso da fotografia ajuda o leitor a mergulhar de forma mais intensa no texto lido, induzindo-o a cada parágrafo e página, ou no caso do livro reportagem também capítulo, ao seu imaginário. Porém, não desvinculando desta narrativa o compromisso do jornalismo com o real. Mais um ponto de intersecção com o trabalho de Fabiana Moraes, que além de trabalhar usualmente com imagens, na descrição de suas histórias, nesse trabalho especialmente parte utiliza-se de registros fotográficos para a construção de sua pauta.

Negando dogmas deste modelo amarrado, tanto o *New Journalism* como o Jornalismo Literário, permitem ao jornalista a liberdade de criar novas narrativas, de mergulhar nos detalhes, agora não mais preso ao *lead*, nem à terceira pessoa, podendo

brincar com a cronologia dos fatos sem deixar a precisão dos mesmos, saindo do distanciamento, aproximando-se da personagem, introduzindo um estilo pessoal.

O construtor da notícia é fiel à realidade por ele descrita, sem perder o foco ou a cena, ressaltando que, cena a cena, é uma das quatro técnicas básicas do *New Journalism*, que traz com riqueza todos os detalhes da história, fato ou personagem narrado, um enunciado que deslança ao revelar e descrever não só a personagem central da história ou fato, mas tudo que envolve o universo em foco. O objetivo é transportar o leitor através da descrição cena a cena, ao lugar onde ocorreu o fato, analisando acontecimentos paralelos e fazendo relação entre eles e o tema central. Segundo Moura (2007, p. 217), o livro reportagem do jornalista Caco Barcelos, *Rota 66*, tem características do *New Journalism*. Para Moura, a “análise dos documentos de processo de Rota 66 torna evidente essa presença literária. Ela pode ser localizada bem ali no planejamento de cenas, nos roteiros e pautas” (2007). Dentro desta perspectiva, podemos também identificá-la na obra de Fabiana Moraes, a exemplo da reportagem aqui proposta a análise. As outras três técnicas utilizadas pelo *New Journalism* são: diálogo, símbolos do *status* de vida e ponto de vista.

Considerando que o jornalismo tem uma vocação natural para trabalhar com o real, vale observar também de que forma as intenções se materializam. Dalmonte lembra que “cada organização discursiva adota estratégias para assegurar o efeito do real, isto é, para conferir a si uma legitimidade” (2010).

Com o discurso jornalístico, da mesma forma, ao longo de sua consolidação, observa-se que vários elementos buscam assegurar coerência à narrativa, centrada na divulgação de fatos vistos como relevantes para o cotidiano. A valorização dos acontecimentos e sua seleção estão situadas entre os elementos que aferem o sentido de veracidade aos fatos reportados pela mídia. Para tanto, é necessário ter clareza quanto ao que se concebe como notícia. (DALMONTE, 2010, p. 215)

Longe da imparcialidade e da superficialidade e não mais preso às regras e padrões que limitavam o jornalismo convencional, o *New Journalism* tem como algumas de suas principais características o aprofundamento e a apuração dos fatos, assemelhando-se também ao Jornalismo Investigativo, além da humanização como uma de suas principais particularidades.

Apesar de Fabiana Moraes não definir sua obra nem como Jornalismo Literário e nem como *New Journalism*, quando afirma que o que faz é um jornalismo subjetivo,

simplesmente jornalismo, encontramos muito destes traços dentro da narrativa do texto analisado no presente artigo.

### “O Menino que Fez a Mãe Flutuar”



**Figura 2: José Pires com sua mãe, Maria Josefa, 75 anos, a quem chama de Babá  
Foto: Igo Bione/JC Imagem**

Sodré e Ferrari (1986) citam Charnley para dizer que o fato, a informação e o público são elementos presentes e que para Charnley a definição da notícia “é a formação corrente dos acontecimentos do dia posta ao alcance do público”. E esclarece: “Notícia não é a morte do ditador, mas o relato que é feito dessa morte”.

Porém, a circulação da notícia depende da reação subjetiva e não objetiva do público. O tempo é determinante para a circulação da notícia, sendo este o principal fator de distinção entre notícia e outras modalidades de informação como, por exemplo, a reportagem, que segundo Sodré e Ferrari (1986), oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo. É o que podemos observar nas reportagens produzidas por Fabiana Moraes, na série “A História de Mim”, quando nove histórias, incluindo a de José, foram publicadas em destaque, compondo o projeto. Para atender a demanda e os anseios de seus leitores, o especial também pulicou outras quase 50 narrativas, histórias de vida, com o título “São Tantas Histórias”.

São visíveis as características do jornalismo de profundidade, ao analisarmos a reportagem “O Menino que Fez a Mãe Flutuar” escrita por Fabiana. A narrativa traz ao leitor uma maior intimidade com os personagens e com a história enunciada. Sem um *quem* e um *o que*, não se pode narrar. “Na reportagem, esses dois elementos têm de existir, mas têm, sobretudo, de despertar interesse humano – ou não serão suficientes para sustentar a problemática narrativa”. (SODRÉ, FERRARI, 1986)

Dentro desta perspectiva, vemos que a terceira pessoa é apenas um detalhe, diante da riqueza descritiva, do enredo, narrado por Fabiana, recheado de imaginação e sensibilidade.

A autora inicia o texto da matéria com a seguinte exposição.

Morava em um lar magro, ossudo, mantido pelo esforço de Maria, que limpava mato e lavava pratos para criar os filhos. Quando ela trabalhou em uma casa na qual a comida e os brinquedos eram abundantes, José quis entrar. Mas ficou lá fora, sozinho, separado por um muro que ia até o céu (MORAES, 2014)

O texto acima descreve, de certo modo, um *lead* poético e subjetivo, um recurso de linguagem que trabalha além da estrutura, num jogo de tonalidade, ritmo e sonoridade, despertando no leitor o prazer estético e sentimento. Podemos ver e sentir, enquanto leitores, o impacto de uma narrativa humanizada, dando vida à personagem que irá relevar-se ao leitor nos parágrafos e páginas seguintes. As características do Jornalismo Literário são visíveis no texto, pela profundidade, detalhes e humanização aqui já citados, a subjetividade contrapondo-se à objetividade.

Além da criatividade, que vemos nesse viés do jornalismo, observamos que ao descrever com detalhes a casa da personagem, Fabiana procura contextualizar através da narrativa do texto a extrema pobreza social e privações, consequência da desigualdade social a qual era submetida, não só a personagem central do texto, mas como toda a sua família, aqueles que a personagem mais amava. Induz ao leitor uma reflexão sobre quantas “A História de Mim” nos deparamos em nosso dia a dia, sem nunca nos termos dado conta. São Marias que faxinam, são Joãos que nos atendem quando precisamos de serviços que classificamos de gerais, e aqueles serviços que requerem não só esforço físico, mas muitas vezes subserviência.

A busca incessante de histórias que, segundo a autora, relatam, “trajetórias repletas de dor e/ou renascimentos inspiradores” (MORAES, 2014) para construir suas

reportagens, assim como outros trabalhos de Fabiana, “A História de Mim”, deixa marcante seu compromisso com as minorias, com o social e aqueles que não têm voz diante da opressão do mais forte.

Era segunda metade dos anos 1960 e ele convivia intimamente com a pobreza. A casa na Rua Nunes Machado, atrás de onde hoje está a Igreja Matriz, era decorada assim: uma cadeira de balanço do pai, um sofá que a mãe tinha achado no lixo e colocado pés de tijolos, camas com colchões recheados de capim, um armário quase vazio, um pote de barro para guardar água. Televisão e geladeira, naquele mundo modesto, era ficção científica. O pai, ex-contínuo da Prefeitura do Recife, havia se aposentado. (MORAES, 2014)

Ao que Fabiana continua narrando em sua reportagem, de maneira delicada e plural, um exercício contínuo de procurar dar voz aos seus entrevistados.

Mandava os filhos para o Instituto Domingos Sávio, a escola mãe que também ajudava a sobreviver, José até hoje se lembra dos copos de plástico azul usados para beber leite. Ficava atento ao sinal da merenda, batia às 9h da manhã. Ele corria bem rápido para ser o primeiro da fila. Pegava um copo, bem cheio, e ia até o muro. Subia pelo combogó e via sua mãe, que o esperava lá fora, segurando o filho menor no colo. O menino bebia o leite. Às vezes, queria mais, José corria de volta para a fila. Só depois de saciar o irmão é que ia buscar encher o copo para ele mesmo. (MORAES, 2014)

Na reportagem “O Menino que Fez a Mãe Flutuar” não podemos classificá-la como modelo de Reportagem de Ação, porém identificamos alguns fatores relevantes, na característica deste modelo e do Jornalismo de Profundidade, são eles: a busca do envolvimento do leitor através das descrições detalhadas das cenas e do fato, como em um filme, ou até mesmo mexendo com o imaginário do leitor, assim como fazem os textos literários, aproximando o leitor através do desenrolar dos acontecimentos narrados de maneira enunciante.

Já no modelo de Reportagem e Verdade, segundo Ferrari e Sodré (1986), a reportagem deve ser verdadeira e parecer verdadeira, sem excesso de termos técnicos para não cansar o leitor. É o que percebemos não apenas no texto em análise, mas em outros trabalhos narrados pela jornalista, que normalmente busca para suas reportagens personagens reais, advindos do universo popular, procurando sempre uma linguagem



poética. Levando o leitor ao ápice da emoção, utilizando linguagem de fácil compreensão e permitindo a este leitor, através deste formato de escrita, ter uma intimidade com a personagem, envolvendo-o completamente.

Por último, o modelo da Reportagem Perfil, onde a personagem é o destaque, onde “o enfoque é a pessoa, seja ela uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história, sua própria vida.” (SODRÉ e FERRARI, 1986)

Este último modelo é uma das características mais marcantes que identificamos na série “A História de Mim”. Mais especificamente na reportagem aqui em análise, “O Menino que Fez a Mãe Flutuar” é o exemplo concreto deste modelo. Com uma personagem central, José Pires de Sousa Filho, tem sua história de vida relatada por uma narrativa que o diferencia do perfil comum dos meninos, pobres, nascidos no interior do Nordeste. Fabiana transfere para seu texto a percepção de um menino que sofria, ao ter consciência da miséria em que vivia junto a sua família. Mas que, apesar dessa condição, havia um mundo além daquele, e que era possível transpô-lo.

### **Considerações Finais**

Fica evidente o *New Journalism* e o Jornalismo Literário no estilo de Fabiana Moraes, principalmente ao identificarmos como foco narrativo, histórias de vidas de personagens anônimas que se revelam na narrativa humanizada ao descrever o oculto da realidade que os cerca. E ainda, segundo Lima (2003, p. 10), “espera-se do narrador, uma voz própria, estilo individualizado de condução de texto”. O que também se faz presente na narrativa de Fabiana Moraes é seu estilo próprio e coloquial, de fácil linguagem no texto da reportagem “O Menino Que Fez a Mãe Flutuar”, bem como em toda série especial “Histórias de Mim”.

“O Menino que Fez a Mãe Flutuar”, além de abordar toda uma problemática social, consequência da desigualdade sócio-econômica-cultural que há em nosso país, devido à falta de compromisso não só dos políticos e instituições governamentais responsáveis pelo baixo índice de desenvolvimento humano, mas também nós, enquanto sociedade, relata no decurso da construção jornalística poética, literária e subjetiva o imaginário de um menino que sem acesso a brinquedos caros, criava seus próprios

artefatos e teve como matéria-prima abacates verdes que caíam do pé, e palitos, que sua imaginação transformava em bezerros, garrotes e bois numa fazendinha.

José Pires de Souza Filho, não se rendeu às probabilidades que certamente o levariam, no máximo, ao ofício de contínuo, como seu pai. Depois de sofrer terrivelmente à espera da mãe ao sair do trabalho, e através dessas longas esperas por trás daquele muro alto, não só na extensão, mas na distância, na divisão representada por aquele concreto, pode José não só desejar um pouco do que estava longe, bem ali do outro lado, dos gritos de alegria das crianças bem abastadas que ali viviam. Mas ao invés de revolta e desânimo, reverte essa dor, esse desamparo em luta e estudo como o único caminho para a vitória.

Entrou na Marinha. Conheceu a África, foi para os Estados Unidos. Um dia voltou para casa e parecia muito distante do menino que catava lixo para ir ao cinema, o menino que fazia fazendas com abacates e palitos, o menino que aguardava a mãe sair do trabalho durante horas enquanto ouvia as risadas das crianças que ela cuidava. Juntou dinheiro. Pegou Maria Josefa pela mão e a levou até uma loja de móveis. Voltaram para casa com geladeira, sofá, cama, colchão, estante, fogão, beliche para os irmãos que estavam bem e continuavam lá. Anos depois, fez concurso e virou oficial da Polícia Militar. Comprou uma chácara ali mesmo. Às vezes tem saudade daquela comida, da tripa com bolo de farinha. Pede para Maria Josefa, agora 75 anos, 13 netos e quatro bisnetos, fazer. Só contou sobre sua dor e as longas esperas em frente à casa de portão alto e muros que iam até o céu um dia desses, depois que mandou sua história para o jornal. ‘Mãe, aquilo me trouxe um sofrimento tão grande’. Maria Josefa sorriu. ‘E era, meu filho?’. Ficou surpresa, nunca tinha reparado. (MORAES, 2014)

E a narrativa humanizada de Fabiana continua a descrever a trajetória de vida de José Pires, um transbordamento de estilo e emoção.

Tudo isso ficou para trás, mas volta e meia ele é o menino que corria pela escola com o copo azul cheio de leite para alimentar o irmão. Esse menino, hoje pai de cinco filhos, fica no terraço do lar que ele construiu lá em Carpina, tem árvore, rede, terraço. A mãe sempre vai visitá-lo. De longe, ele olha para ela nadando na piscina de água morna e generosa, lembra-se de tudo o que aconteceu e sente-se feliz como se estivessem voltando para casa, abraçados, após um dia de trabalho. ‘É bom ver a mãe da gente flutuar’. (MORAES, 2014)

Estes dois últimos textos acima, retirados da reportagem “O Menino que Fez a Mãe Flutuar” evidenciam, no estilo de Fabiana, a técnica utilizada no *New Journalism*, símbolos do *status* de vida, na descrição narrativa que registra o comportamento e a atitude nobre da personagem central, José Pires de Souza Filho, quando retorna a sua cidade natal, Carpina, depois de uma trajetória em busca do crescimento humano, moral e material e leva sua mãe para comprar o que nunca teve em sua humilde residência, culminando sua felicidade quando vê sua mãe nadando na piscina de sua casa. Lembrando-se de tudo que aconteceu e regozijando-se do quanto é gratificante poder proporcionar a ela não apenas o lazer e qualidade de vida, mas a dignidade.

A trajetória da narrativa de Fabiana, valendo-se do recurso da *web*, pode se beneficiar do privilégio de ver seu trabalho comentado pelos leitores, alguns deles também personagens, diretos ou indiretos, de suas histórias, a exemplo de um comentário postado na matéria que conta a história do menino pobre, pelo irmão mais novo dele, Antônio Pires, que comenta: “Caro irmão! Na oportunidade fui privilegiado por ser o irmão mais novo, em poder entrar naquela fortaleza (casa). Que a nossa mãe trabalhava e em raros momentos em poder, por pouco tempo usufruir dos brinquedos que ali existiam. Mas bem sei da situação que nós passávamos. Você tem um papel muito importante em nossas vidas. Após algum tempo, quando você já estava na marinha, nos proporcionou uma grande alegria que foi ter: televisão, geladeira, sofá e outros objetos, todos novos, foi como ganhar na loteria. Irmão, peço a DEUS que continue a te abençoar, pois a ele toda honra e toda glória, para sempre, amém, fica em paz”.

Mais uma feliz intersecção do trabalho de Fabiana Moraes, um cruzamento entre reportagem, personagens e leitores, numa comunicação fluída e pertinente com o processo colaborativo que é o meio utilizado para a divulgação do trabalho analisado. Um texto realmente vivo, do início ao fim, assim como em sua construção e repercussão.

## REFERÊNCIAS

DALMONTE, Edson Fernando. **Narrativa Jornalística e Narrativas Sociais: questões acerca da Representação da Realidade e Regimes de Visibilidade**. Teorias da Comunicação: Trajetórias Investigativas. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

MORAES, Fabiana. A História de Mim. **O menino que fez a mãe flutuar**. Disponível em: <http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/>. Recife – PE. 2014. Acesso em 01.02.2016.

MOURA, Sandra. **Caco Barcellos [o repórter e o método]**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2013.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de Reportagem**, Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo, Summus, 1986

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Porque as notícias são como são** (Vol. I). Florianópolis: Insular, 2012.

**The New Journalism: a reportagem como criação literária**. Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro. LIMA, Edvaldo Pereira, Cadernos de Comunicação 7, Série Estudos. Rio de Janeiro, 2003.